

O QUE É CIDADANIA? A RESISTÊNCIA COMO FERRAMENTA PARA O PLENO EXERCÍCIO DA CIDADANIA

Victória Soares Rodrigues ¹

Resumo:

Este trabalho foi desenvolvido na disciplina de Política e Organização da Educação Básica, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, com o intuito de discutir o conceito de cidadania, mais precisamente trabalhando entorno do questionamento: “o que é ser cidadão?”. Para isso três pessoas, atuantes em projetos na área social e de proteção dos Direitos Humanos, foram entrevistadas com o objetivo de compreender suas concepções. Ao final, foi exposta a própria interpretação da autora sobre o tema.

Palavras-chave:

Cidadania. Liberdade. Resistência. Direitos Humanos.

“Inside the state
War is created
No man's land
Refuse/ Resist”

Sepultura

Introdução

A palavra cidadania foi fundada a partir do latim “civitas”, que significa Cidade. A sua etimologia evoluiu a partir do termo “civis”, nome dado para os habitantes da cidade. Civitas, associava, portanto, a situação política e os direitos passíveis de serem exercidos, como a igualdade e a liberdade, pelos habitantes das polis gregas. A cidadania na Grécia era, portanto, um direito assegurado a cada sujeito desde seu nascimento (MORAIS, 2013).

De acordo com Houel e Rainis (2006) todos os indivíduos membros de um Estado podem ser considerados cidadãos, enquanto nascem, passam a usufruir de direitos e determinadas obrigações. Apesar da dificuldade em se conceituar, a cidadania expressa um conjunto de direitos, como os de expressar livremente idéias, o voto, associação a grupos, e a liberdade pessoal, que permitem o acesso a participação ativa no governo de um Estado, ao qual se está integrado (GORCZEVZSKI, TAUCHEN, 2008).

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: victoria_soares@hotmail.com.

As transições na modernidade fizeram com que a cidadania se tornasse um conceito polissêmico. Fatores religiosos e políticos, como regimes democráticos e totalitários, influenciam também tais concepções, que diferem sobre os sujeitos passíveis de serem considerados como cidadãos e de como os que demandam pela cidadania serão tratados (XYPAS,2003; BELLAMY,2008).

Visando então compreender o conceito de cidadania e a postura do cidadão contemporâneo, este trabalho tem como principal objetivo investigar “o que é ser cidadão?”, a partir de entrevistas realizadas com indivíduos que atuam com trabalhos ou projetos na área social e de assistência humanitária.

Metodologia

Para responder à questão “O que é ser cidadão?”, além da resposta da autora, foram entrevistadas três pessoas, atuantes na área social e de proteção aos Direitos Humanos.

Duas declarações foram feitas remotamente via aplicativo Whatsapp. A entrevista A foi respondida por mensagem de texto e a entrevista B, foi respondida através de uma carta manuscrita, a qual foi enviada como foto por mensagem no aplicativo. A entrevista C foi realizada pessoalmente.

Resultados e discussão

Entrevista A

H.C., homem, 36 anos, branco, ateu, sem filhos, possui ensino superior completo em Direito, pós-graduado em Economia pela UFRGS. Atualmente está cursando uma segunda graduação em Psicologia na PUC-RS, enquanto exerce a função de servidor público, em uma fundação responsável pela ação social e trabalho, em Porto Alegre.

De acordo com H.C: “O conceito de cidadania é variável, pois depende do contexto social e político da época analisada. Mas, de forma geral, é um exercício e um status construído socialmente. É uma identidade social política. A cidadania busca manter a liberdade individual do cidadão através ou por meio do Estado, sendo esta, a capacidade atribuída a um indivíduo de ter determinados direitos políticos, sociais e civis e o pleno poder de exercê-los dentro de uma nação.”

Entrevista B

M.M.V., mulher, 53 anos, branca, mãe, católica, possui magistério e formação em Pedagogia pela PUC-SP. Aposentada da educação infantil, atualmente dedica seu tempo ao trabalho voluntário, sendo a responsável pela coordenação de projetos, visando a arrecadação de doações e organização de bazares beneficentes, em uma Paróquia localizada na capital paulista.

Segundo M.: “O conceito de cidadania para mim, tem início na minha primeira infância, começando com os valores que aprendi com meus pais e perpetuados na escola, ao me relacionar com professores e colegas.

A educação que recebi sempre virou o respeito ao próximo, ao coletivo, isso valia desde uma coisa simples, como não gastar materiais públicos, até as mais importantes, como tratar o próximo como se fosse eu mesma.

Trabalhei por 30 anos com a educação de crianças, na faixa etária entre 3 e 6 anos. Como na escola pública de São Paulo o eixo maior é não alfabetizar nessa idade, o meu maior aliado foi o trabalho com os valores essenciais para o desenvolvimento da boa cidadania, já que nas últimas décadas constatamos a falta de preocupação que a maioria dos pais demonstrava na educação de seus filhos em relação a esse conceito.

Quando me aposentei, tinha em mente poder continuar contribuindo de alguma forma com o próximo, através de alguma organização. Após dois meses em casa, recebi o convite do pároco de minha igreja para assumir o trabalho com o bazar da paróquia.

Hoje formamos um grupo de voluntários e desenvolvemos um belo trabalho para angariarmos fundos para a igreja, no sentido de acolher famílias necessitadas, para a formação de jovens, visita e apoio aos doentes e demais obras sociais.

Enfim, ser cidadão para mim é buscar um olhar sensível à necessidade do outro e colaborar da melhor forma possível com o que for coletivo.”

Entrevista C

A.B, 66 anos, superior em Teologia, Padre da Ordem dos Scalabrinianos, trabalhou cerca de 40 anos realizando missões de ajuda humanitária em regiões fronteiriças na América Latina e no território brasileiro. Atualmente é encarregado da pauta migratória na Conferência dos Bispos do Brasil, pela coordenação regional sul; atua como vice-diretor e responsável pela área de relações públicas em uma instituição destinada à assistência e instrução as migrações internacionais, na cidade de Porto Alegre.

De acordo com A.B.: “Do cidadão vem o conceito de cidadania. O cidadão assume uma postura perante a cidade, ante dos demais, faz parte do desenvolvimento da sociedade. Tem direitos dentro da sociedade onde habita.

É aquele que respeita os direitos dos outros, dentro de um contexto humano, para o desenvolvimento normal de uma nação ou sociedade. O Cidadão também tem o dever de cumprir com as próprias responsabilidades e obrigações dentro de um contexto moral, político e religioso.”

Cidadania para a autora

É possível ser cidadão através de diversas formas. Somente pelo fato do nascer dentro de um território ou nação, a criança já obtém a cidadania, pois este já é um direito assegurado pela lei. Em determinados casos, uma pessoa se torna cidadão através de um pedido de residência ou refúgio, como os imigrantes por exemplo.

Nestes casos, após um longo e por vezes traumático deslocamento forçado, muitos imigrantes, que recém adquiriram o direito de cidadania nacional, se mantêm desinformados sobre seus direitos como cidadãos no país de acolhida e não saberão como acessar ou reivindicar tais direitos, através das Políticas Públicas ou juridicamente perante o Estado.

Acredito que cidadão é todo aquele que coabita em um espaço social, independentemente se o status de cidadania foi obtido durante o nascimento ou após um pedido de naturalização. Cidadania é ter respeito com os deveres individuais e coletivos, consciência das possibilidades de acesso aos direitos e principalmente, agir para reivindicar as necessidades pessoais ou de determinados grupos, diante das violações ou faltas cometidas pelo Estado.

Os três entrevistados A e C possuem definições semelhantes para a questão “O que é ser cidadão?” e corroboram com a visão da autora, sobre a cidadania ser um conceito que varia de acordo com a sociedade e Estado ao qual se pertence; sobre a importância de se ter consciência sobre os direitos, responsabilidades e liberdades individuais. Em relação a entrevista B, o ponto em comum em ambas as visões, é a importância da educação como um fator primordial para o desenvolvimento e ensino das práticas de cidadania e coletividade.

A falta de oportunidade e acesso à educação, foi visto como um empecilho para que o indivíduo não se desenvolva consciente, sobre seus direitos e deveres relacionados às práticas.

Considerações finais

Conforme as entrevistas, quando o assunto discorre sobre direitos e a liberdade individual, é fundamental destacar a diferença entre Direitos Humanos e Cidadania, para que ambos os termos não se confundam. A cidadania se subordina ao poder do Estado, que difere em cada nação; enquanto os direitos humanos, são fundamentais e regulamentados de forma supranacional, existindo antes do Estado (GORCZEVZSKI, TAUCHEN, 2008).

O cidadão é subordinado as leis, direitos, regras e deveres fundamentados pela constituição do Estado ao qual se insere. Apesar de todos os indivíduos serem cidadãos, somente por possuírem Direitos Humanos, reconhecidos de forma universal, indivisível e interdependente; infelizmente ainda existem barreiras que impedem o exercício de ser cidadão na sociedade (CARBONARI,2019).

No cenário brasileiro, a cidadania foi abalada pela Ditadura Militar, instaurada por um golpe em 1964. Para Moraes (2013. p.17) “É na configuração da identidade do indivíduo moderno que a noção de cidadão assemelhada à de súdito passa a ser rejeitada. Ser cidadão não pode mais ser concebido como ser um mero sujeito de deveres e um passivo cumpridor de obrigações”.

A banda brasileira de heavy metal, Sepultura, lançou em 1993 o álbum Chaos A.D, onde abordaram com grande intensidade, através de suas canções, as questões sociais como as revoltas populares, conflitos territoriais e a violência do Estado. Na faixa Refuse/ Resist, a banda questiona o posicionamento do Estado e a população, à sair de uma posição passiva, ao afirmar que “o silêncio significa morte [...] Recuse, Resista”

De acordo com Covre (1994,p.10) “[...] só existe cidadania se houver a prática da reivindicação, da apropriação de espaços, da pugna, para fazer valer os direitos do cidadão”. O pensamento da autora, vai de encontro com os pressupostos de Michel Foucault (in MACIEL JUNIOR, 2014), sobre o ato de resistir e reivindicar, considerado como uma postura e atitude de criação transformadora.

[...] A capacidade que a vida tem de resistir a um poder que quer geri-la é inseparável da possibilidade de composição e de mudança que ela pode alcançar. Resistir é, neste aspecto, o oposto de reagir. Quando reagimos damos a resposta àquilo que o poder quer de nós; mas quando resistimos criamos possibilidades de existência a partir de composições de forças inéditas. Resistir é, neste aspecto, sinônimo de criar. (MACIEL JUNIOR, 2014, p.02)

Nota-se, portanto, a importância da resistência e da recusa por parte da população para reivindicar e superar as barreiras impostas pelo posicionamento do Estado, em casos de ditaduras, ou de regimes que restringem as políticas públicas, liberdades individuais do cidadão e da coletividade.

Referências

CARBONARI, P.C.; **Direitos humanos: tudo a ver com a nossa vida!** Saluz, Passo Fundo, 2019.

COVRE, M. L. M. **O que é cidadania.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BELLAMY, R. **Citizenship: A very short introduction.** Oxford University Press, USA. 153 p. 2008.

GORCZEWSKI, C.; TAUCHEN, G. Educação em Direitos Humanos: para uma cultura da paz. **Educação**, Porto Alegre, V.31, N.1, P. 66-74, 2008.

HOUEL, A. ; RAINIS, N. ; Citoyenneté, justice, psychologie. **Le Journal des psychologues**, n° 241, p. 20-20, 2006/8.

MACIEL JÚNIOR, A. “Resistência e prática de si em Foucault”. **Trivium Estudos Interdisciplinares.** Rio de Janeiro, Ano VI, n. I, 2014.

MORAIS, I. A. A construção histórica do conceito de cidadania: o que significa ser cidadão na sociedade contemporânea? **Congresso Nacional de Educação.** 2013.

XYPAS, C. Introduction : Qu'est-ce que la citoyenneté ? **Les citoyennetés scolaires : de la maternelle au lycée.** Presses Universitaires de France p. 281-290, 2003.